

## TEMPO DE VIDA, TEMPO DE FESTAS

Myriam Moraes Lins de Barros\*

“A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para nossos ofícios, a aprendizagem, e que entre os semicivilizados consistem em cerimônias, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independente do sagrado”. Arnold Van Gennep (2011[1909])

“O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição”. Sigmund Freud (1969 [1015])

### Resumo

Neste artigo apresento a temática do tempo, tempo de vida de cada indivíduo e tempo “oficial” das instituições sociais, a partir da experiência de pesquisa em centros de convivência para idosos, projetos sociais desenvolvidos pelas prefeituras do Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Nova Iguaçu no Estado do Rio de Janeiro. A presença feminina majoritária nestes espaços é apresentada a partir da discussão das expressões corporais e emocionais nos eventos e festas do calendário de cada centro.

**Palavras - chave:** velhice, mulher, expressão corporal, festa.

### Abstract

Time is the theme presented in this article, the time of life of each individual and the “official” time of social institutions, from my research experience at community centers for the elderly, the social projects developed by the city councils of Rio de Janeiro, Duque de Caxias and Nova Iguaçu in Rio de Janeiro State. The mainly female presence in these spaces is presented through the discussion of their bodily and emotional expressions discussed. Females being the majority in these spaces their presence is discussed from the discussion of their presence at events and calendar feasts at each center.

**Key – words:** old age, woman, body language, party.

---

\* Antropóloga, professora titular da Escola de Serviço Social/UFRJ.

O curso da vida e o calendário anual das diferentes instituições são tempos que se cruzam na experiência dos indivíduos, nas ações e nos significados atribuídos à vida e às interações sociais na vida cotidiana. Neste artigo apresento a temática do tempo, tempo de vida de cada indivíduo e tempo “oficial” das instituições sociais, a partir da experiência de pesquisa em centros de convivência para idosos, projetos sociais desenvolvidos pelas prefeituras do Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Nova Iguaçu no Estado do Rio de Janeiro<sup>1</sup>.

Iniciamos a pesquisa com o entendimento que, nos projetos desenvolvidos nestes espaços públicos, a referência para as atividades é a noção da velhice saudável relacionada à responsabilização individual pelo próprio cuidado nesta fase da vida. As entrevistas com os usuários das casas de convivência, com os profissionais e a observação realizada durante o trabalho de campo mostraram como o paradigma da velhice saudável está presente como proposta e como base para a dinâmica institucional e para as interações sociais desenvolvidas nos centros de convivência. Mas nestes espaços constroem-se, também, versões variadas deste modelo do envelhecimento saudável em seu cotidiano institucional.

A diversidade e heterogeneidade de experiências do envelhecimento coexistem em nossa sociedade com diferentes interpretações sobre o tempo da vida dos indivíduos. O emprego dos termos *ciclo da vida* ou *curso da vida* já nos dá uma dimensão dos variados sentidos conferidos ao tempo de vida dos indivíduos. Enquanto que ciclo de vida anuncia uma repetição e um recomeço, o curso da vida traz a conotação de um movimento com uma direção coordenada. O curso da vida é assumido pelo indivíduo autônomo e independente como um transcurso sob sua orientação, talvez mesmo relacionado a uma noção laica e não religiosa do tempo de vida.

Na perspectiva dos direitos e deveres na sociedade moderno-contemporânea (Velho, 2012), a idade

cronológica é um dos elementos que nos definem como cidadãos integrados à sociedade. A dependência, o cuidado, a responsabilização são alguns dos vários termos para designar e referir-se a direitos e deveres atribuídos às diferentes fases da vida. As legislações e os aparatos institucionais baseados nas idades cronológicas são construções sociais e históricas em processo constante de transformação e, desta forma, são definidos e redefinidos os significados atribuídos à infância, à juventude, à velhice e a todas as etapas da vida, incluindo o nascer e o morrer e os direitos e deveres relacionados a cada período.

As transformações sociais que dão sentido e demarcam as etapas da vida aparecem também nas explicações de ordem biológica e psicológica entendidas, em muitos contextos, como verdades mas verdades passageiras que mudam quando novas interpretações sobre as passagens de um momento para o outro da vida conferem novos significados às idades.

“Quando começa a velhice?”; “Qual o tempo definido para o final da vida?”; “Quando acaba a infância?”; “E a adolescência define que grupo etário?” são questões sempre recolocadas em um visível contexto de disputas ideológicas em que a idade é um dos fatores mas não o único para sustentar posições distintas quanto a direitos e deveres atribuídos às idades.

Ao lado da institucionalização do curso da vida, constatamos em nossa sociedade uma flexibilização dos limites das idades com um esmaecimento das fronteiras etárias, flexibilização experimentada nos diferentes contextos socioculturais. As idades são apreendidas como maneiras de ser e de estar nos diferentes mundos sociais, definem estilos de vida que podem ou não ser adotados e delimitam fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais. A velhice entendida como “terceira idade” é, assim, compreendida como um modo de ser e de estar no mundo e não apenas como um momento de vida e uma determinada idade cronológica. (DEBERT, 2010; LINS DE BARROS, 2011).

Há, também, na caracterização flexível das identidades etárias a quebra da linearidade sequencial das etapas da vida relacionadas a papéis sociais nas redes sociais e na família. Os fatores relativos às distinções de classe social, gênero, geração e etnia desestabilizam o modelo

<sup>1</sup> O trabalho de campo realizado entre 2012 e 2014 para a pesquisa *O cuidado de si como projeto na velhice* contou com a participação de duas bolsistas de iniciação científica, Maria das Dores B. da Silva Cavalcanti e Rita de Cássia Púlice Ribeiro e Elaine da Silva Santos Rodrigues, orientanda de monografia final de curso (ESS/UFRJ).

sequencial que associa as idades a direitos, deveres, a modos de vida e formas de interação social. Assim, as pesquisas realizadas em contextos específicos, nos permitem examinar como são vividas e pensadas de maneiras diferentes a velhice e as outras etapas da vida.

Vemos, desta forma, que a aposentadoria não implica necessariamente em saída do mercado de trabalho, nem a entrada dos filhos na idade adulta cessa ou diminui a responsabilidade com a provisão da casa pelos mais velhos (PEIXOTO, 2004). O cuidado não se dá apenas no sentido dos mais jovens para os mais velhos, um pressuposto nas regras de reciprocidade entre gerações, mas se realiza no sentido dos mais velhos para os mais jovens. Enfim, as relações sociais na vida cotidiana embaralham a lógica dos cortes etários e a definição do lugar social por idade em função da heterogeneidade da própria sociedade, das múltiplas visões de mundo e da possibilidade, sempre presente na vida social, de construir outros significados e de estabelecer outras formas de agir socialmente.

Isso nos exige a percepção mais aguçada das heterogeneidades das experiências de envelhecer. Heterogeneidade que está vinculada às desigualdades sociais e às diferentes experiências de ser e estar velho/a.

Percebemos que nos diferentes contextos da vida cotidiana, a velhice pode ter diferentes significados e pode ser vivida de formas distintas pelo mesmo indivíduo. Pode-se ser velho ou velha em casa, nas relações familiares. Mas, talvez esta identidade não se constitua como predominante nas relações de trabalho ou nos espaços públicos de lazer. Assumir na família a posição do mais velho cria a expectativa da garantia da autoridade e da transmissão de seus padrões de comportamento e valores para filhos e netos (LINS DE BARROS, 1987). Os contextos e as situações sociais como trabalho, relações familiares e de amizade, relações com as instituições públicas mostram como a identidade etária pode ser ou não um fator relevante para definir as interações sociais na vida cotidiana. Constatamos que mesmo com a predominância da visão segmentada por idades que define comportamentos e modos de ser, há a capacidade de ação dos mais velhos (e não só deles) para construir alternativas para viver e para dar significado a esta

etapa da vida. Os sinais estigmatizadores da velhice - a fragilidade, a doença, a solidão - podem ser apropriados e ressignificados em contextos diversos, mostrando a capacidade dos indivíduos se reinventarem nos diferentes contextos sociais.

Retomando o que já foi apresentado no início do texto, a proposta da pesquisa intitulada “O cuidado de si como projeto na velhice” parte da discussão sobre a construção da ideia de velhice ativa que se contrapõe às ideias estigmatizadas da velhice. Estas têm sido associadas nas sociedades contemporâneas à imagem de declínio e perda de diferentes capacidades do ser humano, capacidades que garantem ao indivíduo inserção social como trabalhador, provedor da família, indivíduo sexualmente ativo e com controle do corpo e da mente. Os sinais da velhice estigmatizada são denunciados quando a perda paulatina ou abrupta das formas de controle de si impede que o indivíduo esteja com capacidades plenas para a vida social. Controlar os sinais negativos da velhice e intervir sobre o corpo e as emoções são cruciais para definir este bom envelhecer.

Nesta visão de velhice, o significado do cuidado é fundamentalmente o cuidado de si mesmo, compreendido como a base para a manutenção do indivíduo ativo e capaz de exercer as atividades básicas para ser considerado um ser social pleno. A observação constante do processo do envelhecimento acaba sendo considerada fundamental para a manutenção do indivíduo que envelhece (LINS DE BARROS e ALVES, 2012).

Com a participação de bolsistas de iniciação científica e orientanda de monografia, a pesquisa nos três centros de convivência de idosos permitiu a observação das interações sociais aí desenvolvidas, identificando como os significados da velhice e as práticas sociais associadas a este momento de vida em nossa sociedade são reinterpretados e vividos nestes espaços<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> São assim denominados os centros de convivência nos três municípios: Centro de Convivência da Terceira Idade - CCI - Duque de Caxias; Casas de Convivência - Rio de Janeiro; Espaço Municipal da Terceira Idade - ESMUTI - Nova Iguaçu.

Os centros de convivência de idosos dos municípios estudados têm uma institucionalização recente mas têm uma história mais longa que aponta para o protagonismo de algumas mulheres, sobretudo assistentes sociais, no empenho em definir projetos sociais para um problema social específico: a velhice. As narrativas sobre a implantação dos centros de convivência trazem a ideia de esforços conjuntos de vários atores sociais para que experiências anteriores de trabalho com velhos e velhas pudessem se constituir como um projeto social com determinada concepção de velhice. O processo de formulação e implantação destes projetos sociais acompanha a produção da velhice como um problema social em nossa sociedade e as transformações e heterogeneidades dos significados conferidos a este momento de vida (PAZ, 2004).

A convivência e a integração social, princípios básicos para definir as propostas dos centros de convivência, são o fundamento para a existência de qualquer grupo humano e nos centros de convivência é um valor explicitado continuamente pelos que os frequentam, tanto mulheres e homens com mais de 50 ou 60 anos, os idosos, como pelos profissionais.

A reafirmação constante dos princípios da convivência traz, de forma explícita ou não, o contraste e a oposição com as várias faces da ruptura social na velhice que favorecem o isolamento do indivíduo em relação ao seu meio social. Desta forma, a experiência nestes espaços depende da construção de um contexto específico para determinadas interações sociais, ou seja, um cenário onde há performances e atuações com uma linguagem que dão significado ao último momento de vida (LINS DE BARROS, 2007).

Como em outras pesquisas, vemos que nos três centros de convivência, as mulheres representam a maioria. Nos dois centros de convivência da Baixada Fluminense o universo social caracteriza-se por indivíduos de baixa renda e baixa ou nenhuma escolaridade. Na casa de convivência no Rio de Janeiro o universo social, também majoritariamente feminino, apresenta um espectro mais diferenciado quanto à renda e educação. Pessoas com ensino fundamental, médio e superior e também com níveis de renda diferenciados frequentam a casa, mostrando um padrão socioeconômico e de escolaridade mais alto do que os

dois centros da Baixada mas ainda assim abaixo do padrão do bairro de zona sul onde a casa está instalada.

Aula de dança, coral, ginástica, ioga, bordado, o jogo do bingo e outras atividades têm dias e horários marcados e definem uma rotina institucional. A vida cotidiana da casa e da família é desfocada por esta outra rotina e dá lugar a outras formas de relações sociais agora definidas pela idade dos frequentadores, sobretudo das mulheres, que aí representam a grande maioria. Como apresentado em diferentes pesquisas, as mulheres e especificamente as mulheres mais velhas têm uma trajetória de vida marcada pelas funções de cuidado dos outros: filhos, maridos, netos e pais (MACHADO, 2008; GROISMAN, 2015). Os momentos da semana dedicados a si mesma e à sociabilidade com outras mulheres (algumas já conhecidas da vizinhança onde moram) representam uma suspensão passageira do papel de cuidadoras e de responsáveis pela casa e pelas relações familiares. Nestes espaços a balança pende para o cuidado de si, entendido como a possibilidade de participação nas atividades semanais, com o espaço para o riso, a dança, as fofocas. Nas atividades semanais é exacerbado o que está presente em diferentes formas de interação social no espaço público próprios das camadas sociais e das referências culturais das mulheres que frequentam os centros de convivência.

Nas atividades semanais e, sobretudo, nas festas anuais do calendário institucional cria-se um ambiente em que a exposição de si e as expressões corporais tornam-se definidoras das interações sociais. Dar expressão às emoções é uma das maneiras com que esta exposição de si é enfatizada. É nas festas também que a exacerbação das expressões corporais pode se dar: as fantasias e os gestos, o balançar dos corpos nas danças e nos desfiles é ali possível. A partir da frequência a estes espaços há uma socialização de formas de expressão das emoções e de linguagens que parecem criar uma ritualização para a passagem a uma determinada etapa da vida, a velhice.

Na pesquisa sobre sociabilidade de mulheres velhas realizada por Andréa Moraes Alves (2004), a autora faz uma etnografia dos bailes-ficha em um contexto de camadas médias cariocas da zona sul. Ao tratar das experiências das mulheres na velhice nos contextos dos bailes, a autora mostra como os corpos, a sexualidade e

a feminilidade são passíveis de se tornarem públicos de forma positiva nesta fase da vida e em contextos determinados. Nos estudos de camadas médias a dimensão da escolha individual dentro de um campo de possibilidades é fundamental para a compreensão das experiências da velhice. Como assinala Alves, a geração de mulheres velhas de sua pesquisa têm a dança e a sociabilidade dos bailes como uma opção e a velhice vai representar a perda destas possibilidades de expressão do corpo e das emoções.

A questão apresentada por Alves e retomada neste trabalho é como as mulheres lidam, muitas vezes pela primeira vez na vida, com a exposição positiva e pública do seu próprio corpo, guardadas as distinções de classe e etnia. A velhice das mulheres nos centros de convivência acaba sendo a possibilidade descortinada de vivenciar a sociabilidade de forma até então não apresentada como opção de vida. É a velhice exatamente que cria esta oportunidade e é nos espaços de convivência que estas experiências se dão.

Os diversos mundos sociais presentes na metrópole podem e constroem, de fato, modos de interpretar, viver e expressar a velhice feminina e identificar seu lugar social. No mundo do samba carioca, a ala das baianas nos desfiles das escolas de samba representa as mulheres mais velhas das camadas populares. Nos desfiles das Escolas elas se apresentam de forma coletiva e ritual. Neste momento da vida, as baianas encarnam a autoridade no samba e a figura de avós como mostra o trabalho de Cavalcanti (2016). Seus corpos que giram em torno delas mesmas, não são apresentados como faziam há anos atrás e como fazem as sambistas mais jovens que aparecem sambando, com os corpos mais despídos e sensualizados. Colocar a fantasia e fazer girar seu corpo na ala das baianas representam uma passagem para a velhice.

As festas (e os bailes) mais do que as atividades diárias nos centros de convivência são, desta forma, momentos de expressão de outras possibilidades de experimentar o lúdico, colocando a idade em suspensão.

Os centros de convivência, apesar das diferenças, têm em comum uma dinâmica estrutural relacionada aos projetos das prefeituras voltados para a “terceira idade”. Um calendário de atividades é feito pelos

profissionais, muitas vezes acompanhados pelos próprios usuários dos serviços municipais. Estes calendários reproduzem com algumas modificações ou diferentes ênfases o calendário das festas anuais do país, do estado do Rio e dos municípios. As festas religiosas, o carnaval, o natal, os dias consagrados às mães, pais, avós são alguns destes eventos que marcam o ano e as festas nas diferentes casas de convivência. Este tempo das festas se repete a cada ano, com algumas inovações como acontece nas escolas de samba, nas festas cívicas e religiosas. A repetição e a circularidade destas comemorações contrastam com outra temporalidade, a do curso da vida. Mesmo que os entrevistados tenham uma visão de si na velhice que não demonstra a ideia de finitude, sem dúvida, o fim da vida parece fazer parte de uma fala submersa à que trata da necessidade de se cuidar, se distrair e usufruir prazeres muitas vezes não vividos até então, como os usos lúdicos do corpo, a entrega a conversas e brincadeiras.

Em todas as comemorações em nossa sociedade, o tempo histórico e o tempo de vida dos indivíduos coexistem com o tempo das celebrações do calendário que se repete a cada ano. A transitoriedade, como nos diz Freud na epígrafe deste texto, pode trazer às comemorações anuais uma ênfase de vida e de fruição de prazeres com tal intensidade, capaz de contrastar com inevitabilidade da morte.

Como nas festas e comemorações presentes na sociedade, as festas dos centros de convivência definidas por tempo cíclico, repetitivo, retomam a cada ano os princípios sociais básicos da sociedade, reintegrando, a cada ano, os indivíduos na sociedade. É ali, nos centros de convivência de idosos, que é possível viver as experiências das festas cíclicas. É através das festas que se confirma constantemente e ritualmente o princípio da integração (CAVALCANTI, 2016). É também através das festas e dos rituais que vida e morte entram em cena<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Roberto Da Matta em *Carnavais, Malandros e Heróis* (1979) e Maria Laura Cavalcanti em *Carnaval, ritual e arte* (2016) são referências fundamentais para trabalhar o sentido do tempo e da sociedade nos rituais, festas e celebrações no Brasil.

Nestes momentos rituais, a sociedade fala de si mesma de forma exacerbada. Assim, ao mesmo tempo em que os idosos se sentem parte e partícipes das festas e comemorações, reforçando os valores da integração social, a competição e o conflito estão presentes e são aí encenados e fazem parte do próprio enredo das festas como veremos nas fotos dos concursos de fantasias de carnaval, da escolha das melhores cantoras, e mesmo nas homenagens aos que passaram por experiências mais fortes de superação dos sofrimentos individuais causados por mortes, por doenças e perdas. É importante lembrar que nestas homenagens a ideia do último período da vida permanece como um pano de fundo que contrasta com as expressões de alegria das festas.

Na apresentação do carnaval no centro de convivência em Duque de Caxias, Rita de Cássia Púlice Ribeiro (2013) descreve como integração e competição se apresentam nestes espaços.

*“Para dar um aspecto mais alegre ao salão do CCI, alguns enfeites e adereços que lembram o carnaval são espalhados nas paredes. O grande “Baile da Feliz Idade”, como é chamado o baile de carnaval, é animado por confetes e serpentinas, e um pequeno aparelho de som que toca marchinhas de carnaval.*

*Uma grande mesa é preparada com frutas, doces, salgados, bolos, refrigerantes, sucos, várias guloseimas que são servidas após o desfile, no momento do lanche. Tudo de uma forma bem simples, mas agradável aos olhos de todos.*

*A festa tem início com palestra (de um ou dois convidados) homenageando o CCI e sendo homenageados. Pouco depois é a vez do desfile de fantasias. Ao ritmo das marchinhas, as senhoras se apresentam dançando, dando voltas no salão e mostrando suas fantasias, muitas delas confeccionadas pelas próprias.*

*A mesa julgadora, composta em média por cinco pessoas, tem a função de avaliar e escolher as fantasias mais bonitas, as mais criativas, e as mais luxuosas, cada uma na sua modalidade. Logo após, os jurados elegem a rainha do carnaval pelos seguintes critérios: mais alegria, “samba no pé”, e a beleza da fantasia. Em seguida, as participantes vencedoras*

*recebem suas premiações na forma de lembrancinhas, enquanto a rainha escolhida é coroada”.*



Foto: Rita de Cássia P. Ribeiro



Foto: Elaine Rodrigues



Foto: Rita de Cássia P. Ribeiro

A velhice, embora seja o princípio que define a inserção de indivíduos nas atividades dos centros de convivência, pode ser também um elemento marcador de diferenças pela forma como que ela é experimentada e exposta. Estas experiências não são diferentes daquelas que se observa fora destes espaços institucionais quando padrões de comportamento e

atitudes são entendidos como o modelo aceito para homens e mulheres de diferentes camadas sociais viverem a velhice. Como já foi apresentado acima, a exibição do corpo é um destes elementos definidores de distinções. Nos três centros de convivência estudados, os festivais competitivos de dança, canto, fantasia em cada centro de convivência estudado trazem à superfície formas de distinções por sexo, idade, situação social, religião, etc. Estas distinções e formas de competição e mesmo de desafios entre performances são observados por Elaine da S. Santos Rodrigues durante a pesquisa na casa de convivência na zona sul do Rio.

Acompanhando os idosos em uma aula de teatro, Elaine relata o comentário de uma das frequentadoras da Casa que também assistia à aula sentada a seu lado, referindo a outra idosa que ensaiava o texto da peça:

“*Esse texto é muito grande pra ela! Ela já é velha, não vai conseguir decorar, vai esquecer, você vai ver.* (Sra. “L” - 75 anos)”.

Em outro momento, na aula de dança, uma das participantes se aproxima de Elaine e já familiarizada com sua presença, faz seus comentários sobre a colega que dançava com o professor.

“*Aquela velha ali é muito fogosa! Está vendo como ela dança se rebolando toda? Ela é muito exibida, nem tem mais idade pra isso! Que horror!!!* (Sra. “C” – 70 anos)”.

Tempos que se cruzam, espaços que pretendem englobar pessoas pelo critério da idade comum, sociabilidades que permitem ou negam interações sociais recriando formas de distinções sociais são os elementos fundamentais para se compreender a estrutura destes espaços de sociabilidade e a capacidade de reconstrução de valores e práticas presentes nestes contextos, mostrando assim a ação dos indivíduos na construção constante de símbolos, significados e práticas sociais nas interações sociais.

Para alguns este período marcado por festas e fantasias pode perdurar como um modo de vida ou estas festas ficam restritas às relações aí desenvolvidas, neste mundo social com suas regras próprias. Outras velhices existem, mesmo na trajetória de um mesmo indivíduo e mesmo ao retornar às atividades da vida diária.

Embora a família seja considerada um valor nestes espaços e familiares serem chamados muitas vezes para participar de atividades, neste mundo social o que conta, de fato, é a construção da sociabilidade definida pela idade, pela velhice.

Ao final retorno à questão fundamental para as pesquisas, para as políticas sociais e para as experiências de sociabilidade na velhice: a pluralidade de experiências do envelhecer. Nos diversos espaços de ação de políticas para os idosos, em diferentes contextos em que atuamos, pesquisamos e vivemos a velhice, a heterogeneidade e pluralidade de experiências de envelhecer têm que ser examinadas. Pluralidade e heterogeneidade não significam permanência de diferentes condições de desigualdade social. O respeito pelas diferentes experiências e significados da velhice coloca em questão um modelo único do processo de envelhecimento, apontando para outras velhices possíveis.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavaleiro. Um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. “Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina”. In: *Horizontes Antropológicos*. 34. 2010. (213-234)

BARROS, Janaína Carvalho e LINS DE BARROS, Myriam Moraes. “Memória de velhos: rememorando a trajetória de vida e a sociabilidade nas relações familiares”. *Kairós*. Vol. 17 (4), 2014. (337-358)

CAVALCANTE, Maria das Dores Batista da Silva Cavalcante. *Cuidado de si como projeto na velhice*. Relatório Final Técnico-Científico da Bolsa de Iniciação Científica. Escola de Serviço Social. UFRJ. 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, ritual e arte*. Rio de Janeiro. 7Letras, 2015.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. Edusp/Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. "A dissolução da vida adulta e a juventude como valor". In: *Horizontes Antropológicos*. 34. 2010. (49-70).

DELGADO, Josimara. "Velhice, corpo e narrativa". In: *Horizontes Antropológicos*. 34. 2010. (189-213).

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. Vol. XIV. Rio de Janeiro. Imago. 1969.

GROISMAN, Daniel. *O cuidado enquanto trabalho: envelhecimento, dependência e políticas para o bem estar no Brasil*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. UFRJ, 2015.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Autoridade e Afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1987.

\_\_\_\_\_. "Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice". In: Lins de Barros, Myriam Moraes (org.), *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2007, 4a ed.

\_\_\_\_\_. "A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira". In: Mirian Goldenberg (orga.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011. (45-64)

\_\_\_\_\_. *Cuidado de si como projeto na velhice*. Relatório Final de pesquisa. CNPq. 2015.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes e ALVES, Andréa Moraes. "Aprender com as velhices". In: *As máscaras da intolerância. Comunicações do ISER*. No. 66, ano 31, 2012, (31-38).

MACHADO, Selma Suely Lopes. O legado dos avós e os bens do cuidado. Estudo sobre família, gerações e redes sociais em bairro popular de Belém/PA. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. UFRJ, 2008.

MOTTA, Alda Britto da. "As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento". In: *Cadernos PAGU* (13) 1999. ( 191- 221)

\_\_\_\_\_. "Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional". In: Peixoto, Clarice Ehlers (org.).

*Família e Envelhecimento*. Coleção Família, Geração e Cultura. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. (109-144).

PAZ, Serafim Fortes. "Movimentos sociais: participação dos idosos". In: Ligia Py e outros (orgs). *Tempo de Envelhecer. Percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU editora, 2004. (229-256)

PEIXOTO, Clarice Ehlers. "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...". In: Lins de Barros, Myriam Moraes (org.). *Velhice ou Terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007, 4a ed.

\_\_\_\_\_. "Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar". In: Peixoto, Clarice Ehlers (org.). *Família e Envelhecimento*. Coleção Família, Geração e Cultura. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

RIBEIRO, Rita de Cássia Púlice. *Cuidado de si como projeto na velhice*. Relatório Final Técnico-Científico da Bolsa de Iniciação Científica. Escola de Serviço Social. UFRJ. 2013.

RODRIGUES, Elaine da Silva Santos. *A invenção da terceira idade: um estudo sobre idosos participantes da Casa de Convivência Dercy Gonçalves a partir das experiências de sociabilidade*. Trabalho de conclusão de curso de graduação. Escola de Serviço Social. UFRJ. 2014.

SIMÕES, Júlio Assis. "Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública". In: Peixoto, Clarice Ehlers (org.). *Família e Envelhecimento*. Coleção Família, Geração e Cultura. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

VAN GENNEP, Arnold. *Ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade. Ensaios de Antropologia Urbana*. Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro (orgs). Rio de Janeiro. Zahar, 2013